

ENTREVISTA: Mânia Millen

Por Felipe Pena¹ e Marcelo Moutinho²

“Acho importante ter livros que não sejam nem eruditos, nem tão best sellers, que façam o tal caminho do meio. Esses aí são capazes de formar leitores, no sentido da frequência e da assiduidade da leitura.

Precisamos de um grupo do meio que seja representativo.”

Não é fácil encontrar a editora do caderno Prosa e Verso na redação de O Globo, embora ela passe oito horas por dia no local e ainda faça plantão em finais de semana alternados. A jornalista Mânia Millen se esconde, no sentido mais literal do verbo, entre pilhas de livros amontoados em uma mesa de um metro e vinte de comprimento por cinquenta centímetros de largura, localizada na parte final do segundo andar do prédio da Rua Irineu Marinho, no Centro do Rio. “E os livros nem estão todos aqui. Boa parte fica nesse armário atrás de mim.” – diz Mânia, que divide a tarefa de editar o suplemento literário com a sub-editora Rachel Bertol.

Não é só a quantidade de publicações que denuncia o ritmo de trabalho. As resenhas na gaveta, as duas garrafas de água mineral ao lado do computador e o casaco verde no espaldar da cadeira previnem qualquer mudança de temperatura na redação. “Dia de fechamento é sempre uma loucura, mas nas sextas-feiras conseguimos respirar um pouco.” – inspira, e espira, enquanto ajeita o cabelo castanho, preso por um elástico para facilitar os movimentos.

Quando fala, Mânia gesticula com vigor, o que não inviabiliza o discurso calmo e a cortesia, ambos moldados por um leve sotaque mineiro. As mãos parecem dar suporte às frases, articuladas com o conhecimento de quem trabalha com jornalismo cultural há exatos vinte anos. “Eu me formei na FACHA em 1988 e vim direto para o Segundo Caderno. Em 1997, passei a trabalhar com o Luciano Tri-

1 Jornalista e escritor. Professor do Doutorado em Comunicação da UFF, Doutor em Literatura pela PUC-Rio e Pós-Doutor pela Université de Paris – Sorbonne III. Autor de oito livros na área de Comunicação e do romance “O Analfabeto que passou no vestibular”.

2 Jornalista e escritor. Autor de várias obras de ficção, entre elas o livro de contos “Somos todos iguais esta noite”. Também participou de diversas coletâneas, entre elas a antologia “Prosas Cariocas – uma nova cartografia do Rio.”

go no Prosa e Verso, de onde só sai no período entre 2001 e 2004, quando trabalhei na editoria internacional.”

Sua primeira memória literária é de uma enciclopédia. “História da Humanidade, doze volumes. Eu adorava aqueles tijolos na estante do meu pai.” Mânia se diverte com as recordações das figuras e das pesquisas escolares. Entretanto, o que faz suas mãos deslizarem pela calça jeans e joga seu olhar para cima a fim de puxar o fio da lembrança são os personagens de Monteiro Lobato. Pelas páginas de um livro verde, de capa dura, ela conheceu Emília, Visconde, Dona Benta e os demais personagens do Sítio: “Quando eu vi na televisão, tive um choque. Eu tinha a imagem das ilustrações do livro. Saía pela casa de mãos dadas com minha Emília imaginária. Mas a narizinho de cabelo enroladinho da TV não era a Narizinho que eu imaginava”

Aos 13 anos, Mânia pulou da irmã de Pedrinho para os irmãos de Dostoiévsky, os Karamázov. Livro de adulto, roubado da biblioteca de casa. Apesar de ser um pouco precoce para viajar pela Rússia do século XIX, dessa vez ela compensou a inexperiência com as imagens do filme. E seguiu por um caminho eclético, de Agatha Christie a Graciliano Ramos. “Hoje, eu até gosto de policial, só não acompanho tanto. Mas o Vidas Secas ficou na minha memória.”

O jornalista e escritor Marcelo Moutinho, que também entrevista a editora, volta a falar de cinema. Menciona a clássica adaptação feita por Néelson Pereira dos Santos. Mânia não viu. Não há interferências em sua imagem mental da cadela Baleia. A fotografia revolucionária de Luiz Carlos Barreto não “contaminou” sua imaginação sobre o sertão nordestino.

Marcelo fala de tecnologia. Lembra que hoje há muito mais recursos midiáticos para competir com a leitura. É difícil um jovem se interessar por literatura. Mânia concorda: “Não havia a cultura do computador. Nós líamos muito no colégio. Hoje, quando minhas filhas pegam o Machado de Assis para ler, reclamam da linguagem.”

Talvez reclamem com razão, pondero com a editora. Não que eu questione as qualidades literárias do bruxo do Cosme Velho. Deus me livre dessa heresia. Mas talvez não sejam as páginas ideais para debutar na literatura. E esse passa a ser um dos temas mais presentes na entrevista a seguir: a falta de um grupo do meio. O “meio” nos sentidos mais estritos: aquele que está entre a linguagem hermética e o simplismo bestializante, entre o clássico e o inovador, entre o cânon e o marginal, entre o consagrado e o estreante. Em suma, algo que cativa o leitor e o leve a novas leituras. Na melhor tradução do termo, uma história bem contada.

Contracampo: Como é que você se organiza no meio dessa infinidade de livros?

Mànya: Nós abrimos todos os livros que chegam à redação. É óbvio que não conseguimos dar resenhas de tudo, mas tentamos priorizar a literatura, embora também haja espaço para livros científicos e de outras áreas.

Contracampo: Você não tem medo de esquecer alguém importante no meio dessa pilha?

Manya: Claro que tenho. Eu sei que aqui embaixo pode estar um gênio da raça. Não tem jeito; o Prosa e Verso não dá conta de toda a produção nacional e ainda tem que dividir espaço com os autores internacionais. Eu tenho consciência disso. Mas eu conto com a rede.

Contracampo: Que rede?

Mànya: Meus colaboradores, meus resenhistas. Pessoas que estão ligadas. Por exemplo, o Marcelo Moutinho (aponta para o entrevistador), pessoas da Academia e as próprias editoras que, apesar de terem seus interesses óbvios, apontam os próprios destaques e as referências de seus livros. E, claro, tem as pessoas de sempre. Num João Gilberto Noll, por exemplo, nós sempre vamos prestar atenção.

Contracampo: Eu tenho a impressão de que, pelo menos na área de ficção, os livros estrangeiros acabam tendo mais destaque.

Mànya: Sempre que a literatura vem lá de fora já está referendada. Já vendeu tantos livros, etc. Ou seja, ela foi comprada por alguma editora nacional, o que significa que já passou pelo teste do mercado internacional. Então é mais fácil. Já a literatura brasileira feita por estreantes é mais difícil de ter acesso. E para separar o joio do trigo com essa quantidade de lançamentos é mais difícil ainda. É por isso que eu digo que nessa pilha pode estar o gênio da raça.

Contracampo: Como você tenta separar o joio do trigo?

Mànya: Eu ligo para as pessoas da rede e pergunto se já ouviram falar naquele livro. Faço pesquisa. Confio nos resenhistas. Embora eles possam discordar entre eles. Da mesma forma que o leitor muitas vezes discorda das resenhas.

Contracampo: Como é a relação do Prosa e Verso com a Academia?

Mànya: Eu acho que os acadêmicos tentam se aproximar do caderno, mas eles têm um tempo de trabalho muito diferente do nosso. Se eu pudesse, teria uma relação de trabalho muito maior com a academia. Mas eu tenho limites. Os textos têm que estar padronizados entre 4500 e 5000 toques. E os resenhistas não podem demorar meses para entregar um texto. Eu sei que o tempo da reflexão acadêmica é outro, mas eu preciso fechar um jornal. Tenho prazos. E novos livros vão chegando.

Contracampo: Mesmo assim, você ainda prefere os acadêmicos?

Mànya: Sim. Se eu pudesse, pediria mais resenhas aos acadêmicos e menos aos escritores e jornalistas. Porque eu sei que no meio literário há uma grande panela e eu preciso excluir amigos, inimigos e outros interessados. Daí me sobram muito poucos. Gente que vai trabalhar em editora, por exemplo, está imediatamente excluído. Teoricamente, a Academia é um campo neutro. Por isso, eu acho melhor. Mas tem o problema do tempo e do espaço.

Contracampo: O que é específico na hora de definir a primeira página? Os critérios de noticiabilidade do caderno não acabam ultrapassando os assuntos literários?

Mànya: Sim. Às vezes, o livro não é bom, mas o personagem é muito interessante. É um critério jornalístico. E eu tenho que estar atenta às novidades, às polêmicas. O caderno fala de literatura, mas está dentro de um jornal.

Contracampo: Mas você não reduz o caderno a livros.

Mànya: Não. Eu acho que o Prosa e Verso é um lugar de debate. Não é simplesmente um veículo para publicar resenhas literárias. Mas eu sofro algumas resistências. Tem gente, leitor mesmo, que não gosta disso, pensa que o caderno só deve falar de livros.

Contracampo: Como é a relação com as outras editorias do jornal? Há muitos livros que podem servir de pauta para outras áreas. Isso já aliviaria um pouco.

Mànya: Muitas vezes, eu encaminho livros para a Economia ou a Política. Mas isso nem sempre funciona porque o ritmo de quem

trabalha com hardnews é outro. É difícil que um repórter do dia-a-dia tenha tempo para ler um livro e produzir uma matéria. A não ser que seja algo muito factual e ele já esteja a par do assunto. Além disso, eles não têm espaço. O livro acaba caindo no buraco negro.

Contracampo: Você procura assuntos mais populares para aumentar o número de leitores do caderno?

Mànya: Nosso caderno, como outros que falam de livros em qualquer lugar do mundo, é deficitário, ou seja, os poucos anúncios veiculados nele não pagam o papel consumido. Mas ele existe porque o jornal acha importante que ele exista. Então, eu procuro assuntos que interessam ao leitor de maneira geral, dentro dos critérios que eu já mencionei, sem compromissos com a venda. Agora, por exemplo, eu estou preparando uma matéria sobre leitura feminina, que é uma pauta popular. Mas nada impede que, na semana seguinte, eu produza uma pauta mais “cabeça”. Os chefes não me cobram um índice de leitura. Nós sabemos que a leitura do caderno é qualitativa, não quantitativa.

Contracampo: Como você lida com os best sellers?

Mànya: Eu não tenho preconceito contra best seller. Se é um livro que está sendo muito falado, que vai ser lido, eu preciso publicar alguma coisa sobre ele. Quem tem preconceito é a academia. Mas como eu tenho pouco espaço, tento ver se o Segundo Caderno dá, porque é mais o perfil deles. Acho importante ter livros que não sejam nem eruditos, nem tão best sellers, que façam o tal caminho do meio. Esses aí são capazes de formar leitores, no sentido da frequência e da assiduidade da leitura.

Contracampo: E por que há grande dificuldade em formar leitores, principalmente entre o público jovem?

Mànya: Justamente porque não há esse grupo do meio. Há uma lacuna entra a literatura infantil – e temos uma de excelente nível, como em poucos países - e a adulta. Não há uma literatura no meio do caminho que possa formar o leitor. A criança sai de Ana Maria Machado e Ruth Rocha e vai direto para Grande Sertão Veredas. É complicado. Sempre bato nessa tecla durante as palestras que eu faço para professores. Não se trata de nenhuma deficiência intelectual das crianças, mas sim de uma evolução dos tempos. A linguagem delas

– as crianças - é outra, mais rápida, exige um outro tipo de atenção. Então, para chegar na garotada é muito difícil.

Contracampo: O problema não é o mesmo com a “literatura adulta”? Ou seja, não há uma preocupação excessiva em fazer exercícios de linguagem em detrimento da boa e velha história bem contada?

Manya: Sim. Mas acho que isso também está ligado aos preconceitos da academia. E à falta de um grupo que faça o meio termo, como eu já disse. Precisamos de um grupo do meio que seja representativo. Que tenha produção, sem ser medíocre e cair em fórmulas banais, que atraem o público, mas não o enriquecem.